

PAULO MATTA: TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E NO ESPORTE BRASILEIRO

Dr. Roberto Gondim Pires¹

Dr. Coriolano P. da Rocha Junior²

Dr. Carlos Fernando F. da Cunha Junior³

Resumo: Este artigo aborda vida e trajetória de Paulo Emmanuel da Hora Matta, professor de Educação Física e técnico de voleibol. O objetivo foi lançar luz na sua história, evidenciando seu percurso e ações em diferentes cenários e demonstrar peculiaridades dessa caminhada, com destaque para a liderança esportiva e política na greve estudantil da Escola Nacional e seu protagonismo como técnico de voleibol. Trabalhamos com a História Cultural, com foco na história oral e usamos referências que o abordassem. Concluímos que Paulo Matta, a partir de uma motivação emocional com a prática esportiva, assumiu envolvimento diverso com a área, venceu limites, mesmo familiares, exerceu liderança e foi professor universitário referencial.

Palavras-chave: Educação Física; Voleibol; trajetória profissional.

Paulo Matta: trajectory in physical education and Brazilian sport

Abstract: This article discusses the life and trajectory of Paulo Emmanuel da Hora Matta, a professor of Physical Education and volleyball coach. The objective was to shed light on its history, evidencing its course and actions in different scenarios and demonstrate peculiarities of this walk, with emphasis the sports and political leadership in the student strike of the National School and its protagonism as a volleyball coach. We worked with Cultural History, focusing on oral history and used references that addressed it. We conclude that Paulo Matta, from an emotional motivation with the sports practice, assumed diverse involvement with the area, overcame limits, even family, exerted leadership and was a reference university professor.

Keywords: Physical Education; Volleyball; Professional trajectory.

Paulo Matta: carrera en la educación física y el deporte brasileño

Resumen: En este artículo se analiza la vida y la carrera de Paulo Emmanuel da Hora Matta, profesor de educación física y voleibol entrenador. El objetivo era arrojar luz sobre su historia, mostrando su curso y acciones en diferentes escenarios y demostrar peculiaridades de este paseo, poniendo de relieve su liderazgo deportivo y político en la huelga de estudiantes de la Escuela Nacional y su papel como entrenador de voleibol. Trabajamos con la historia cultural, centrándose en la historia oral y en el uso de referencias que abordassem. Concluimos que Paulo Matta, a partir de una motivación emocional para la práctica deportiva, tomó participación diversa con el área, ganó límites, incluso la familia, el liderazgo ejercido y fue catedrático referencial.

Palabras clave: Educación Física; Voleibol; Carrera Profesional.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: gondim.roberto@gmail.com.

² Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: coriolanojunior@uol.com.br.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: carlos.fernando@ufjf.edu.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda aspectos da trajetória de vida de Paulo Emanuel da Hora Matta, professor de Educação Física e Técnico de Voleibol, nascido em 1933 na cidade de Ilhéus (Bahia), graduado na área no ano de 1960, na antiga Universidade do Brasil, e que permaneceu no Rio de Janeiro, atuando no campo da Educação Física, até seu falecimento em maio de 2015.

Paulo Matta, como era conhecido, além de atleta, atuou como técnico de voleibol em diversos clubes do Rio de Janeiro. Nas seleções brasileiras da modalidade, iniciou sua carreira como supervisor das equipes femininas e masculinas no Campeonato Mundial realizado no Brasil em 1960. Posteriormente participou como treinador de quatro edições de campeonatos sul-americanos, Pan-Americano em Cali (1971), Jogos Olímpicos no México (1968) e Universíade na Bulgária (1977).

Paulo Matta também foi professor dos Cursos de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 1972 e 1979, e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de 1980 a 1998.

Mas, por que evidenciar a trajetória de Paulo Matta no presente trabalho?

Em primeiro plano, a questão pode ser respondida pelas singularidades que marcaram a história de vida de nosso personagem. Um baiano nascido na década de 1930, filho de fazendeiros, que a partir de suas vivências escolares apaixonou-se pelo voleibol e pela Educação Física e que, contrariando o desejo da família, seguiu para o Rio de Janeiro com o objetivo de estudar na Universidade do Brasil, chegando, enquanto discente, a atuar como um dos líderes do movimento estudantil que liderou a greve de 1956/1957 na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD).

Outra resposta está no fato de percebermos que o campo brasileiro da História da Educação Física e do Esporte pouco tem investido em estudos biográficos e em trajetórias de vidas, ou seja, temos relegado a segundo plano as experiências de sujeitos concretos e suas implicações com a Educação Física e o Esporte.⁴

Como metodologia, inspiramo-nos nas ideias da História Cultural, com foco na história oral, técnica que utilizamos para realizar o estudo, a partir de entrevista realizada com Paulo Matta. Também acessamos a íntegra da entrevista concedida por Matta, em 1995, ao pesquisador Victor Andrade de Melo (1996). Nesse sentido, de imediato, torna-se necessário reconhecer os limites dessas versões do passado, bem como da interferência do momento vivido pelo depoente no presente, ao rememorar fatos referentes a uma época distante de sua vida.

Os relatos orais são um documento do presente, aceitáveis para refletirmos sobre o passado. Dessa maneira, menos do que fazer emergir uma realidade factual, a memória contida nesses relatos nos trazem como valor a subjetividade própria de uma construção de significados em torno dos acontecimentos a que se referem, afinal:

⁴ Importante texto sobre o valor das histórias de vida no esporte é o de Rui Proença Garcia e Paula Portugal (2009).

Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, ao seu modo, são também fatos, ou o que o mesmo: dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados por técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis, elaborados por disciplinas precisas como a linguística, a narrativa ou a teoria da literatura (PORTELLI, 1996, p.64).

Vale ainda destacar que as fontes orais mostram-se fundamentais para a realização de estudos como o nosso, dada a dificuldade em localizar fontes que forneçam informações sobre personagens individuais e seu cotidiano na ação pessoal e profissional.

A entrevista base do presente trabalho aconteceu no mês de setembro do ano 2000, na residência de Paulo Matta. Utilizamos como estratégia a entrevista não estruturada, forma de obter o maior número de informações de nosso depoente. Posteriormente à transcrição da fala do entrevistado, o texto foi submetido a sua apreciação, havendo o mesmo concordado com sua utilização para fins acadêmicos.

Paulo Matta, a escolha pelo voleibol e pela educação física.

Paula Matta, baiano de Ilhéus, nasceu em 16/3/1933. Sua família, tradicional, possuía história no ramo agropecuário. Para ele haviam pensado um destino, a graduação num dos cursos superiores mais valorizados na época. Em suas palavras, disse: “Minha mãe era filha do principal fazendeiro de Ilhéus. [...] Um Matta só poderia ser um advogado, um médico ou um engenheiro” (Comunicação Pessoal, 2000).

As práticas esportivas, particularmente o voleibol, tomaram conta do gosto de Paulo Matta, especialmente a partir de suas vivências na educação básica enquanto estudante. Ele chegou, inclusive, a fazer parte da seleção baiana de voleibol. Sua condição de professor parece ter começado com ele próprio como aluno, sobre sua entrada no voleibol, Paulo Matta, em entrevista concedida a Cochrane, *et al* (2012, p. 19), afirma assim:

Eu aprendi voleibol de uma maneira bem diferente, eu aprendi por teimosia. Fui autodidata em voleibol, vivia na Bahia e fui tentar treinar no clube do Vitória, o mesmo que tem o time de futebol. E lá o técnico olhou pra mim e mandou-me tentar bola de gude que, talvez, seria o meu esporte. E aquilo bateu muito forte em mim. Eu era garoto e achei que ele tinha que ter uma resposta e a partir daí fui procurar e arrumei um livro na época do Adolfo Guilherme, de voleibol. Com esse livro, uma bola e o meu quarto, eu treinava voleibol.

Ainda enquanto estudante do ensino básico iniciou sua atividade de professor e treinador de voleibol, pois assumiu a função de técnico da equipe feminina do Colégio Estadual da Bahia, que, na época, representava o

Esporte Clube Victória. Como técnico da equipe, participou, em 1954, do Campeonato Nacional do Quarto Centenário de São Paulo.

Ao finalizar o ensino secundário, pressionado pela família, Paulo Matta seguiu para o curso superior de Direito. No entanto, seu desejo em atuar no campo das práticas corporais e esportivas fez com que ele abandonasse a formação na carreira desejada pelos pais e prestasse processo seletivo para ENEFD na Universidade do Brasil.

Neste sentido, a escolha de Paulo Matta por cursar Educação Física, mesmo que a contragosto de sua família, deu-se em relação direta com suas experiências e vivências. Assim, sua escolha guardou intrínseca relação e identificação com os demais baianos que também já haviam feito o curso, ou seja, a vida pregressa ligada ao esporte parecia ser um pré-requisito para os que pretendiam cursar esta área e mais, seria uma forma de compreender e lidar com a profissão (PIRES, ROCHA JUNIOR e MARTA, 2013). Dessa forma, mesmo que as condições socioeconômicas de Paulo Matta se diferenciasssem e muito de todos os outros baianos (Alcyrr Ferraro, José Coelho, Raimundo Coelho, Josair Estrela Gonçalves, Neuton Miranda) que foram estudar na ENEFD, o interesse pela formação nesse curso teve as mesmas bases e estas estavam nas vivências esportivas.

Influenciado pelo Professor Alcyrr Ferraro,⁵ importante personagem na constituição da Educação Física na Bahia, professor do Colégio Estadual da Bahia e que também havia estudado na ENEFD, Paulo Matta decidiu buscar a formação em Educação Física e para tanto, deveria concorrer a um ingresso como acadêmico no curso da Universidade do Brasil.

Nessa época, e nós estamos falando de 1954, após voltar de um campeonato brasileiro pela seleção da Bahia em São Paulo, o Alcyrr [Ferraro] me encontrou na rua e me falou sobre um exame de seleção que seria feito no colégio Estadual da Bahia para selecionar o bolsista da Bahia que viria fazer o Curso na ENEFD, era escola padrão para América Latina e era também o sonho de todo elemento da área de Educação Física cursar a escola Nacional (Comunicação Pessoal, 2000).

A relação dos baianos com a formação em Educação Física no Rio de Janeiro não começou com Paulo Matta (PIRES, ROCHA JUNIOR e MARTA, 2013). Esses autores demonstraram que a Escola de Educação Física do Exército (ESEFEx) recebeu, em 1938, alguns baianos para realizar seu curso, casos de Gilberto Silva, Ovídio Teixeira e o Humberto Viana Burity.⁶

A partir da criação da ENEFD, em 1939, na intenção de suprir a carência de profissionais de Educação Física no Estado, a Bahia passou a enviar indivíduos para esta escola. Para ter acesso ao curso da ENEFD, os candidatos passavam por uma seleção, um exame vestibular feito pela própria escola que consistia de provas de sanidade, de capacidade física, bem como exames de português, matemática e biologia.

⁵ Para conhecer mais sobre a trajetória de Alcyrr Ferraro, veja: Pires, Rocha Junior; Marta (2014). Leia também: Ferraro (1991).

⁶ É preciso observar que somente em 1973, a partir da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), a Bahia passou a ter um curso superior de formação de professores em Educação Física.

Segundo Alcyrr Ferraro (1991), para candidatos de fora do Rio de Janeiro havia um exame prévio e, na Bahia, tal seleção era constituída das provas de português, matemática, biologia, francês ou inglês, e capacidade física (corrida de velocidade, corrida de resistência, salto em altura, salto em distância, ascensão em corda de quatro metros, exercícios de coordenação e ritmo).

Pires, Rocha Junior e Marta (2013), a partir de entrevista com o Professor Alcyrr Ferraro,⁷ demonstram que o processo de seleção para a ENEFD assumia uma feição que se pautava em atividades motoras e esportivas:

a seleção tinha uma parte muito prática, [...] era corrida, saltar, trepar em cordas, essas coisas, e o exame de seleção da parte teórica, nós não fazíamos porque era a conclusão do curso colegial... nós tínhamos a preocupação muito de fazer o exame prático, então quem passasse no exame prático ia (Comunicação Pessoal, 1999).

Paulo Matta, ao apresentar suas impressões sobre o processo de seleção que realizou em 1955 para a ENEFD, também faz alusão ao rigoroso teste físico-esportivo.

No geral constavam questões técnicas e parte prática com ênfase nas atividades de atletismo, corrida, salto, arremesso, natação [...] Eu fiz essa prova e por sorte, mais do que qualquer coisa, porque embora o Alcyrr torcesse por mim, ele foi absolutamente neutro nessa questão da seleção. Eu fui o primeiro e eu ganhei a bolsa. Eu fui o primeiro classificado do grupo, foi um grupo de oito colegas e eu ganhei a bolsa (Comunicação Pessoal, 2000).

Paulo Matta foi aprovado no exame de seleção a partiu para o Rio de Janeiro a fim de buscar sua formação no campo da Educação Física.

Paulo Matta e a vida na ENEFD

Sem aprovação e apoio familiar para sua permanência no Rio de Janeiro, Paulo Matta sobreviveu na cidade principalmente a partir dos recursos de uma bolsa de estudos fornecida pela ENEFD.

É eu que tinha nascido, digamos, rico, dono de fazenda, cheio de cacau, passei fome no Rio. Meu pai não quis tomar conhecimento da minha área, nem na minha formatura. Até o telegrama de parabéns pela formatura que minha mãe passou para mim, o fez escondido do meu pai. Para todos os efeitos, ele não queria saber o que se passava comigo e só veio me perguntar o que em a EF e se a EF rendia, se financeiramente era interessante, quando eu já era técnico da seleção brasileira e andava pelo mundo e mandava cartões dos vários lugares.⁸

⁷ Depoimento pessoal concedido em 16 de março de 1999.

⁸ Paulo Matta, em entrevista a Melo (1996, p.127).

A bolsa de estudos era destinada prioritariamente para estudantes de localidades em que a Educação Física não possuísse locais de formação de professores. Por isso a ENEFD atraiu candidatos de vários estados brasileiros, como no caso da Bahia.

Aquela importância que nos era dada como remuneração de bolsa era para uma vida espartana. Não sobrava nada e eu mesmo sendo de origem de dinheiro, eu aqui passei fome durante o Curso. Nós comíamos no restaurante de Medicina e numa Semana Santa o restaurante fechou quinta-feira e só abriu segunda. E eu só tinha dinheiro para cafezinho e pão sem manteiga (Comunicação Pessoal, 2000).

Paulo Matta afirmava que a bolsa de estudos era insuficiente para garantir a completa manutenção dos estudantes no Rio de Janeiro. Segundo ele, ao chegar à cidade, os estudantes tinham que providenciar toda a logística inicial em termos de moradia, deslocamentos e alimentação.

Eu morei nos primeiros tempos numa cabeça de porco na Urca, num lugar onde usavam os soldados e sargentos que vinham fazer o curso da Escola de Educação Física do Exército, na entrada do Forte da Urca (Comunicação Pessoal, 2000).

As dificuldades financeiras faziam com que estudantes precisassem trabalhar durante seus estudos na ENEFD, ainda que o fato estivesse em desacordo com as normas contratuais de concessão das bolsas de estudo.

Aos poucos ia conseguindo as coisas para agregar à bolsa, em termos de salário. Primeiro substituíamos professores nossos, dando aula em colégio, de graça, e ainda nos sentíamos honrados com essa escolha. Eu dava aula em três, quatro colégios de professores meus e eles no final do mês recebiam o dinheiro. E ainda ficávamos honrados porque nessa época não havia prática de ensino. Então o professor se formava, se ele não tivesse buscado vivências, ele se formava sem nenhuma idéia do que seria dar aula para aluno do primeiro, segundo e terceiro graus (Comunicação Pessoal, 2000).

Como já percebemos pelos apontamentos realizados no texto e pelos estudos históricos da área, na época em questão, o curso de Educação Física promovido pela ENEFD possuía um caráter estritamente técnico, voltado especialmente para o treinamento das habilidades esportivas, com ênfase em seus aspectos biológicos e biomecânicos. O depoimento de Paulo Matta ressalta a carência do curso em ensinar a ensinar, a formar o professor, ainda que nesta perspectiva restrita com relação às práticas corporais. Portanto, as experiências em escolas regulares citadas por Matta tornavam-se fundamentais aos futuros professores. Os estudantes da ENEFD começavam observando as aulas dos professores, depois passavam a dar aulas em conjunto e até sozinhos, substituindo-os, sendo efetivados nas escolas em alguns casos.

Ainda com relação à bolsa de estudos, outro compromisso que os bolsistas assumiam com a instituição era retornar aos seus estados de origem logo após a finalização do curso na ENEFD. Afinal, a bolsa foi criada com o intuito de atrair futuros professores que colaborassem com o desenvolvimento da Educação Física em suas localidades. Porém, como afirmou Paulo Matta, nem sempre a exigência era cumprida. Segundo ele, em geral, os estados não tinham condições econômicas e estruturais para receber os professores formados e autorizavam sua permanência no Rio de Janeiro ou a ida para outras regiões.

Após o curso eu voltei para a Bahia e me apresentei à Secretaria de Educação e fui encaminhado ao Governo do Estado. E de lá recebi a comunicação de que não havia lugar para mim, que eu estava liberado do compromisso. Isso foi feito com alguns e outros, pura e simplesmente depois de estarem aqui, não quiseram voltar e não voltaram mesmo. No meu caso, eu ainda tentei, embora já tivesse começado a me encaminhar profissionalmente aqui, estivesse até num bom momento, mas eu fiz questão de voltar (Comunicação Pessoal, 2000).

Ainda sobre o não retorno às terras baianas para atuar na área da Educação Física, agora devidamente habilitado, Paulo Matta afirmou que entendia não ter havido nenhuma influência de sua participação na greve ocorrida na ENEFED para tal situação, afirmava não enxergar um viés político neste caso. O próprio afirmou assim:

Não, o único conhecimento que a Bahia teve dessa greve foi o contato do Reitor com meu tio que era Monsenhor Aníbal Matta na Bahia para que ele me escrevesse para que eu acabasse com a greve... a Bahia não tomou nem conhecimento que havia greve ou que tinha feito movimento, e mesmo porque com todos os problemas advindos da greve, eu era muito mais marcado pelas minhas participações...esportivas do que propriamente políticas (Comunicação Pessoal, 2000).

Tal condição mostra um possível descaso ou desatenção com a situação da Educação Física local. Ao nosso ver, essa situação repercutiu na demora da instalação de um curso próprio.

No caso baiano nos estranha esta situação, já que mesmo com sua influência nos aspectos econômicos, sociais e culturais nacionais, o Estado foi um dos últimos do país a ter um curso superior de Educação Física, que quando instalado em 1973, deu-se numa instituição privada, a Universidade Católica do Salvador (PIRES, ROCHA JUNIOR, MARTA, 2014), o que nos leva a pensar na necessidade do retorno dos estudantes que haviam se formado na ENEFD.

Assim, Paulo Matta, já formado em Educação Física, permaneceu no Rio de Janeiro e na cidade percorreu sua trajetória na área.

Paulo Matta e a greve na ENEFD

Entre novembro de 1956 e janeiro de 1957,⁹ os estudantes da ENEFD promoveram uma greve na escola. O movimento foi um marco para o movimento estudantil na área da Educação Física e, na Escola Nacional, os estudantes passaram a ter força até então não vista, sendo suas opiniões consideradas, e suas representações respeitadas nos órgãos colegiados da instituição.

Observemos que a ENEFD, criada em 1939, em pleno Estado Novo, possuía forte influência militarista. Grande parte de seu quadro docente era de origem militar e o próprio cotidiano da Escola demonstra tal relação:

A rotina diária começava com as formaturas matinais onde, invariavelmente, observavam-se aspectos de ordem unida e comandos no modelo dos quartéis, o hasteamento da bandeira e o cantar do Hino Nacional. Logo após, era lida a ordem do dia, por parte da direção da Escola, e a palavra do dia, sempre a cargo de um professor, procedimentos também flagrantemente de rotina na ordem militar. A formatura não era obrigatória somente para alunos, como também para professores e funcionários (MELO, 1996, p.42-43).

O ambiente e as ideias militares perduraram durante décadas na ENEFD e podemos imaginar o que representou uma greve de estudantes na Escola. O movimento, para além da centralidade dos estudantes, também foi fruto do desenvolvimento de posturas mais críticas de professores da escola, como Alberto Latorre de Faria¹⁰ e Innezil Penna Marinho,¹¹ com relação aos referenciais militares, críticas ao método francês de ginástica e a valorização dos conteúdos esportivos (MELO, 1996).

João Peregrino Júnior era o Diretor da ENEFD e a greve foi um movimento diretamente contrário a sua gestão. Peregrino era um intelectual de grande prestígio. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1929, tornou-se membro imortal da Academia Brasileira de Letras, em 1945, autor de extensa produção científica. Melo (1995) mostra que o diretor João Peregrino Júnior, além de um dos fundadores da ENEFD, era Professor da Faculdade Fluminense de Medicina, da Faculdade Nacional de Medicina, da Escola Técnica de Serviço Social e na Escola de árbitro da Federação Metropolitana de basquete, além de ser chefe do serviço de endocrinologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Peregrino Júnior foi eleito Diretor da ENEFD superando o Professor Alberto Latorre de Faria em eleição na Congregação. O pleito e o cotidiano da Escola naquele momento revela uma tensão existente entre dois grupos na instituição, os professores e os médicos (MELO, 1996). Para refletir essa posição, Paulo Matta em entrevista a Melo (1996), disse o seguinte:

⁹ Conforme informação do editorial da Revista Arquivos, ano x, nº11, dezembro de 1957. Acesso em: <http://www.ceme.eefd.ufrj.br/docs/mdenefd.html>.

¹⁰ Mais detalhes sobre a trajetória de Alberto Latorre de Faria, disponíveis em: <http://www.efdeportes.com/efd120/alberto-latorre-de-faria-100-anos.html>.

¹¹ Sobre este personagem, mais informações em: <http://www.ceme.eefd.ufrj.br>.

Não só menos poder de palavra, como a liberdade política de trânsito dentro da Universidade. Assim, apareciam mais verbas para as cadeiras dos médicos do que para as cadeiras dos professores. Apareciam viagens, congressos e a Universidade bancava para uns e para outros só arrumava passe. Havia. Isso sem dúvida havia (p.77).

Segundo Melo (1996), os motivos para a greve têm relação direta com a falta de atenção do diretor para com a ENEFD e seu descuido em relação às condições materiais da instituição, embora ele próprio afirmasse o contrário. Já com a greve em andamento, na Revista Arquivos, que era então produzida pela ENEFD, nos editoriais dos números 9 e 10,¹² Peregrino Junior tenta apresentar aos leitores e aos alunos as contas de sua administração, procurando mostrar melhorias e avanços nas condições estruturais da Escola, assunto de uma grande reclamação do movimento grevista. Melo (1995) afirma que o então Diretor

Criara uma seção de material pedagógico, a função de diretor de campo, reequipara a banda de música, criara disciplina de canto orfeônico, conseguiu viagens e congressos para professores. Afirma também que reequipara o laboratório de fisioterapia, o gabinete de fisioterapia, o ginásio de aparelhos entre outras mudanças materiais. Para os alunos, especificamente, tinha concedido três aumentos de bolsas de estudo, ampliado e conseguido mais uma sala para o Diretório Acadêmico e Associação Atlética, além de ter melhorado a merenda (p.86).

A deflagração da greve, seu estopim, parece ter sido motivada por uma declaração de Peregrino que teria afirmado que se envergonhava de ser diretor de um curso de Educação Física, pois esse não tinha categoria e nível para ser dirigido por ele.

Assim, foi esse homem conceituado, que representava uma categoria prestigiada na ENEFD e na UB que assumiu a escola e durante seu mandato se defrontou com a questão da greve.

Foi exatamente esse homem de grande prestígio que iria assistir aos estudantes entrarem em greve, não só na sua administração, como também contra ela. Foi exatamente contra esse homem de grande prestígio que os estudantes se bateram: não voltariam às aulas enquanto Peregrino Júnior não deixasse a direção da escola (MELO, 1996, p.82).

Diante dos problemas e da declaração de Peregrino, a grande maioria dos estudantes reuniu-se em assembleia e decidiram pela greve, até que o Diretor se afastasse do cargo. Os estudantes, em assembleia montaram:

uma comissão de greve composta entre outros por Vinícius Ruas,¹³ presidente do Diretório, Estela Alves, José Sobrinho,

¹² Mais detalhes em: <http://www.ceme.eefd.ufrj.br/docs/mdenefd.html>.

¹³ Estudante da ENEFD, oriundo do Amazonas. Mais sobre este, em: Castellani Filho (1988).

futuro presidente do Diretório, e Paulo Matta, presidente da Associação Atlética, escolhido como presidente da Comissão de greve (MELO, 1995, p.86).

Sobre a condição de presidente da comissão de greve, Matta em comunicação pessoal afirmou:

Uma vez aqui, eu como todo aquele indivíduo que tem vocação e que acima de tudo é persistente, eu fui tentando abrir meu lugarzinho no solo, primeiro dentro da própria Escola. Fui Presidente da Associação Atlética, comandava os jogos estudantis, os jogos da primavera, os campeonatos universitários. Fui chefe da delegação carioca no campeonato Universitário em Porto Alegre, e fui seguindo, trabalhando. [...] O Vinícius era o Presidente, só que por dirigir a parte, digamos, de esporte, eu tinha mais força perante os alunos do que Vinícius, e ele, muito astutamente, me colocou como Presidente desta comissão de greve. (Comunicação Pessoal, 2000).

Identificamos que a organização estudantil, associada às perspectivas de mudança da estrutura da ENEFD e da própria Educação Física, somadas às insatisfações com a estrutura interna do curso, propiciaram um ambiente político que culminou com a greve estudantil.

Para Melo (1995):

A greve de 1956 parece ter certa relação com os movimentos de poder e as modificações estruturais da ENEFD na década de 50. A ENEFD sofreu uma forte mudança no seu eixo de poder com a saída paulatina dos militares, inclusive dos órgãos de direção, e a ascensão dos médicos. Com os médicos na direção e comando dos caminhos, a ENEFD muda completamente sua estrutura (p.85).

Os estudantes da ENEFD prepararam e divulgaram um manifesto sobre o movimento grevista que vale ser lido, pois revela a presença de ideais libertários e democráticos na Escola, bem como o sentimento de pertencimento e responsabilidade por ela dos alunos:

Certos estamos que a renúncia ou afastamento de tão 'ocupado' e embaraçado diretor, com o seu retomo à cátedra, que ocupa, traz nos o estímulo e orgulho de alunos de uma Universidade democrática, livre, ativa, vibrante e sincera - obra que não pode ser prejudicada pela teimosa vaidade, obstinação de quem busca vantagens e prestígios em que manifestação qualquer pessoa de sensibilidade e autocrítica evitaria (CASTELLANI FILHO, 1988, p.154).¹⁴

O movimento grevista se iniciou com o fechamento da ENEFD e a busca por algum contato com a Presidência da República, à época, exercida

¹⁴ A partir de arquivo particular do Prof. Vinícius Ruas.

por Juscelino Kubsticheck. Mello (1995) aponta que os estudantes só haviam conseguido fazer contato com o Reitor da UB, Sr. Pedro Calmon e com o Secretário da Presidência e subchefe da Casa civil, Josué Montuello. A Presidência apenas abriu alguma chance de reunião com os estudantes, após estes terem insinuado que fariam uma passeata com o apoio do Jornal Tribuna da Imprensa. Tal veículo era dirigido por um rotineiro e feroz crítico e mesmo inimigo político de Juscelino, Carlos Lacerda.

Os estudantes da ENEFD conseguiram o encontro com o Presidente da República. Segundo Paulo Matta houve ameaça direta do Presidente, dizendo “que podia me mandar prender porque eu estava prejudicando o governo dele” (Comunicação Pessoal, 2000). Em entrevista a Victor Melo (1996), Paulo Matta afirmou que no diálogo com Juscelino, fez a ele perceber que

Estavam acontecendo exatamente nessa época dois episódios históricos que estavam prejudicando, estavam colocando em perigo o governo dele. Eram Aragarça e Jacareacanga, as forças da Aeronáutica que estavam se rebelando contra o poder civil e contra o governo de Juscelino. Então eu lembrei desse fato, que ele já tinha Aragarça e Jacareacanga para resolver, que não seria bom ele ter os estudantes do Brasil inteiro levantados (p.84).

O encontro com Juscelino não resultou em compromisso do Presidente para retirar Peregrino Júnior do cargo de Diretor da ENEFD. Porém, as reclamações dos estudantes sobre as más condições estruturais da Escola resultaram em promessas de melhorias, como no caso da autorização para a construção de uma piscina na instituição¹⁵ e outras obras e ações que foram executadas (MELO, 1995).

Paulo Matta revelou que antes do encontro com o Presidente Juscelino, o Reitor Pedro Calmon tentou acalmar o movimento e acabar com a greve oferecendo, inclusive, vantagens pessoais a ele:

Eu enfrentei o Reitor; ele tinha tentado me convencer com uma viagem a Europa, e me oferecendo a possibilidade de nós termos uma piscina que não tínhamos até então, que eu acabasse a greve e eu levei à nossa assembleia geral que dessa vez tinha coro, tinha muita gente. Ele tinha quase que certeza que ia acabar a greve e eu cheguei lá e disse para o pessoal qual era a proposta indecente que eu tinha recebido e com isso a greve continuou (Comunicação Pessoal, 2000).

A greve terminou com a “honrosa” saída de Peregrino Júnior do cargo de Diretor da ENEFD. Ele foi aposentado com todas as gratificações e todos os direitos incorporados ao seu salário. “Só faltou banda de música”,

¹⁵ De acordo com Victor Melo (1996), a piscina foi construída posteriormente a partir de outras iniciativas dos estudantes no sentido de liberação de verbas e equipamentos. É singular o problema ocorrido com setor de patrimônio histórico que queria impedir a construção, o que fez com que os estudantes, em protesto, cavassem o local da piscina com suas próprias ferramentas. Após o protesto as máquinas completaram o serviço e a piscina foi construída. A piscina ainda sobrevive no Campus da Praia Vermelha na atual UFRJ.

afirmou Paulo Matta (MELO, 1996, p.86). Em outro depoimento, nosso entrevistado disse:

Engraçado, porque foi uma vitória que favoreceu a quem nós queríamos demitir, porque a única solução encontrada depois desse tempo todo foi dar ao diretor aposentadoria com todas as condições e com todas as vantagens do cargo (Comunicação Pessoal, 2000).

A greve na ENEFD foi um importante movimento que revelou a força do movimento estudantil. Houve o apoio de professores, mas os estudantes lideraram a greve impedindo qualquer ação no interior da Escola em seu período. Paulo Matta, enquanto Presidente da Comissão de Greve, teve papel fundamental no caso e avalia:

É que muitos dos colegas assumiram o compromisso conosco e perderam o curso. Do curso de técnica muitos jamais voltaram para terminar o curso, porque eram bolsistas no seu estado. Tínhamos um colega que, para ser solidário, perdeu a bolsa e teve que voltar para o Acre e não concluiu seus cursos. Então o alunado se submeteu e pagou o preço da greve, numa demonstração que eu não sei se hoje nós encontraríamos com uma densidade dessa num movimento desse. Porque eu vejo os movimentos, mas ninguém quer ter prejuízo... Nesse tipo de movimento os alunos assumiram o prejuízo. E muitos não eram como nós jovens e solteiros. O pessoal do curso de técnica, o pessoal do curso médico que vinham dos outros estados, eram casados, pais de família. Aquilo significava inclusive para eles promoção nos Estados e eles foram solidários. Eles não pediram exceção. Nenhum dos cursos solicitou em nenhum instante nas assembleias gerais que eles completassem e faltava um mês para fechar o curso deles.¹⁶

Ao analisar as repercussões da greve, Melo (1996) identifica que esta, sem dúvida, se caracterizou como um marco para o movimento estudantil, não só da ENEFD, mas da própria Educação Física no Brasil. A partir dela, dentro da Escola, as posições e representações dos estudantes ganharam outro peso e sentido e mais, o movimento estudantil ganhou uma maior organização e repercussão. Melo nos mostra que:

no fim da década de 50 é que se organiza a União Nacional dos Estudantes de Educação Física (UNEEF), tendo como primeiro presidente Vinícius Ruas. Foi a UNEEF que organizou o Primeiro Congresso de Estudantes de Educação Física, nas dependências da ENEFD. Realizado entre os dias 15 e 24 de outubro de 1957, contou com a presença de representantes do Rio Grande do Sul, Paraná, São Carlos, Minas Gerais e Distrito Federal, além de representantes da própria ENEFD. Entre as discussões se encontravam preocupações com a elevação do nível da formação, criação da cadeira de recreacionista e

¹⁶ Paulo Matta, em entrevista a Melo (1996, p.134-135).

curso de especialização, entre outras. Sem dúvida, a UNEEF e o Congresso são antepassados de nossa atual Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física e de nossos Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física (MELO, 1995, p.89).

Desta forma, podemos considerar que Paulo Matta fez parte e atuou como liderança num movimento que promoveu um conjunto de modificações ocorridas na Educação Física. Tais mudanças foram mobilizadas a partir do movimento estudantil grevista e seguiu, em diálogo com as próprias mudanças, na conjuntura nacional e no campo educativo.

Esta ação de Paulo Matta não se deu apenas em sua trajetória estudantil. Em sua vida profissional, ele também atuou em outros setores da Educação Física e do Esporte, como técnico e dirigente esportivo, como professor, colaborando significativamente para o avanço da área no Brasil.

Paulo Matta e seu percurso profissional

Como vimos anteriormente no presente trabalho, após o curso de Educação Física na ENEFD, o professor Paulo Matta não retornou ao seu Estado de origem, a Bahia, e desenvolveu sua trajetória profissional no Rio de Janeiro, onde:

iniciou a sua carreira de treinador no Rio de Janeiro, no Centro Israelita Brasileiro (CIB). A partir daí, trabalhou em praticamente todos os clubes do voleibol carioca: Bangu, América, CIB, Hebraica, AABB, Botafogo, Fluminense, Tijuca e Flamengo por onde passou várias vezes e é o seu time do coração (COCHRANE, *et al.*, 2012, p. 19).

Paulo Matta foi Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Voleibol e trabalhou com as seleções nacionais em diversos eventos:

1971	VI Jogos Pan-Americanos (Adulta - Masculino) - 3º lugar
1971	IX Camp. Sul-Americano (Adulta - Masculino) – Campeão
1970	VII Camp. Mundial (Adulta - Masculino) - 12º lugar
1969	II Copa do Mundo (Adulta - Masculino) - 6º lugar
1969	VIII Camp. Sul-Americano (Adulta - Masculino) – Campeão
1968	XIX Jogos Olímpicos (Adulta - Masculino) - 9º lugar

Figura 1: Histórico de trabalhos como técnico – Adaptado de http://www.cbv.com.br/v1/selecao/hist_tecnicos.asp

Em entrevista concedida a Cochrane (2012, p. 20), Paulo Matta afirmou que:

Eu era técnico, médico, massagista, roupeiro, chefe de delegação e delegado, houve instante que eu tive que entrar na quadra para completar número, também tinha que jogar porque não tinha número de convocados suficiente. Ninguém ganhava um tostão, tudo era amor.

Referendando essa informação, Roberto A. Pimentel (2011) afirma que Paulo Matta “nunca recebeu qualquer remuneração em todo o tempo que esteve trabalhando na seleção brasileira” (p.134). Toda sua experiência no esporte o levou, inclusive, a apresentar um artigo, onde tecia críticas ao modelo adotado pelo voleibol nacional (GUIMARÃES e MATTA, 2004).

Paulo Matta também atuou como Inspetor de Ensino de Educação Física no Rio de Janeiro. Sua função era percorrer as unidades escolares, acompanhar e fiscalizar a realização das aulas. Tal atividade deu a ele a oportunidade de conhecer um elevado número de professores da rede escolar e acompanhar o cotidiano das aulas de Educação Física. O professor Alfredo Gomes Faria Junior (2012), em sua biografia, ao lembrar de seu ofício como professor no Ginásio Estadual Nun’Álvares Pereira, recordou que a visita Paulo Matta à escola significou apoio do departamento e cessão de material para as aulas.

Paulo Matta iniciou, em 1972, sua atuação como Professor da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lecionou as disciplinas Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, atuando até 1979. Em 1980, assumiu o trabalho no Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, até 1998, quando optou pela aposentadoria. Sobre sua passagem por este curso, Faria Júnior (2012) destacou que Paulo Matta promoveu estudos de mudança de currículo e “foi responsável pela criação do Centro Acadêmico” (p.165).

Considerações Finais

No campo esportivo, Paulo Matta trabalhou e formou vários atletas que, posteriormente, se destacaram no voleibol brasileiro: Bebeto de Freitas, José Roberto Guimarães, Marco Aurélio Motta, Ricardo Tabach, entre outros. Sua vitória no esporte, inclusive, possibilitou a reaproximação com a sua família na Bahia. Desde sua ida para o Rio de Janeiro, o contato havia se tornado restrito, mas na oportunidade de sua formatura, sua mãe enviou um cartão escondido do marido, pai de Matta. Em suas viagens para o exterior, Paulo Matta passou a enviar aos pais cartões-postais das localidades visitadas, o que despertou neles a percepção de que o filho havia vencido na carreira do Esporte e da Educação Física.

Como professor dos cursos de Licenciatura em Educação Física na UFRJ e na UERJ, Paulo Matta teve atuação fundamental na vida de gerações de educadores do campo de Educação Física. Dois dos autores do presente artigo tiveram a honra¹⁷ de terem sido alunos de Paulo Emmanuel da Hora Matta, *com dois emes e dois tes*, como ele sempre lembrava, durante formação na UERJ.

Paulo Matta era um professor sério, compromissado, pontual, exigente e, acima de tudo, prestativo, acolhedor e carismático. Nós o chamávamos de *Mestre*, diante do seu exemplo e de sua importância em nossa formação.

Paulo Emmanuel da Hora Matta faleceu no mês de maio de 2015, aos

¹⁷ Pedimos escusas pelo tom laudatório empregado aqui, mas é impossível falar de Paulo Matta, lembrar-se de sua atuação enquanto professor e não ressaltar sua importância.

82 anos, no Rio de Janeiro, cidade por ele adotada para exercer sua trajetória no Esporte e na Educação Física. No Rio constituiu sua família, seu casamento, filhos e netos.

Paulo Matta deixou, sem sombra de dúvidas, um legado para o campo esportivo e para a Educação Física. Sua trajetória, marcada pela determinação e liderança, empolga e impulsiona os que o conheceram. Sua experiência de vida e seu trabalho precisam de mais investigações, de mais registros, de mais visibilidade. O presente artigo visou iniciar este processo.

Viva Paulo Matta!

Referências

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. São Paulo: Papirus, 1988.

COCHRANE, Mariana Vancelotte Almeida, et al. Transformações no sistema tático de ataque do voleibol. *Revista Acta Brasileira do Movimento Humano – Vol.2, n.1, p.15-23 – Jan/Mar, 2012*.

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. *De aluno da ENEFD a Doutor Honoris Causa: a carreira de Alfredo Faria Júnior*. Belo Horizonte: Casa da educação Física 2012.

FERRARO, Alcyr Naidiro. *A Educação Física na Bahia: memórias de um professor*. Bahia: CEDUFBA, 1991.

GARCIA, Rui Proença; PORTUGAL, Paula (2009). O desporto e histórias de vida. Proposta de um novo itinerário a partir de uma visão personalista. *RPCD*, vol. 9, n. 1, 2009, p.90-102.

GUIMARÃES, Guilherme Locks; MATTA, Paulo Emanuel da Hora. Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. *Revista de Educação Física*, Nº 128, p. 79-88, 2004.

MELO, Victor Andrade de. O movimento estudantil na educação física brasileira: construção, atuação e contribuições na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 1997, p. 9-19. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2363>. Acesso em: 30 Set. 2015.

MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: UNICAMP, Dissertação (Mestrado em Educação Física), 1996.

MELO, Victor Andrade de. A greve dos estudantes de 56 e a educação física brasileira. *Motriz*, v. 1, n.2, 1995, p. 84-91.

PIMENTEL, Roberto Affonso. *História do voleibol no Brasil* – volume I. Niterói, RJ: Nitpress, 2011.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Primeiro curso de educação física na Bahia – trajetórias e personagens. *RBCE*, Florianópolis, SC, v. 36, n. 1, 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1614/920>. Acesso em: 29 Set. 2015.

PIRES, Roberto Gondim, ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da, MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Memórias de pioneiros da Educação Física: baianos na ENEFD. *Recordes: Revista de História do Esporte*, v. 6, n. 2, 2013, p. 1-23.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1996, p. 59-72.

Recebido em 27 de março de 2017
Aceito em 17 de agosto de 2017